

TEMA DO ANO 2024

ROTEIRO GERAL

Todos os anos, o Colégio Oficina elege um tema para nortear um conjunto de atividades que compõem, junto aos componentes, o currículo de formação de seus estudantes. Essas atividades têm por finalidade criar um ambiente de reflexão sobre aspectos relevantes do mundo contemporâneo e incentivá-los a participar ativamente de sua construção.

Diversos foram os temas trabalhados ao longo desses mais de trinta anos de projetos passeando por temas da política, das ciências e das artes. Em 2024, nossa proposta será investigar fatos e aspectos que marcaram o ano de fundação do Colégio Oficina que, em 2024, completa 35 anos. Esse percurso histórico-investigativo começará pelo bairro da Pituba, compreendendo os *“Conjunto dos modos de ser, viver, pensar e falar que se traduz por um sistema de crenças, representações simbólicas, valores, visões de mundo, procedimentos socioeconômicos constituídos pelo estrato social marginal, periférico, não hegemônico e pobre da sociedade”*. (Nóbrega).[1] Adotar essa perspectiva implica reconhecer a pluralidade de possibilidades de investigação e a complexidade proposta pelo tema.

O desafio de enfrentá-lo é imenso, seja pela complexidade de referências que compõem a(s) esse vasto período histórico, seja pela armadilha – sempre presente – de tratá-lo(s) como construções exótica(s) e-ou “menores” que as ligadas aos setores hegemônicos da sociedade.

Para levarmos esse desafio adiante, dividimos, inicialmente, temas a serem tratados em cada uma das séries e propusemos algumas abordagens a serem desenvolvidas por cada uma das turmas sobre o tema da série.

Assim, cada série do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio foi contemplada com um grande tema e com o desafio de estabelecer relações entre os aspectos estudados e a produção dos fatos históricos e dos aspectos sugeridos, através do diálogo com o movimento geral da sociedade brasileira e do mundo contemporâneo.

[1] Antônio Nobrega em palestra proferida em Santa Catarina.

FUNDAMENTAL II

6º ANO: O LOCAL, ASPECTOS CULTURAIS E INFRA-ESTRUTURA: Investigar o surgimento do bairro da Pituba estabelecendo uma comparação entre o antigo e o contemporâneo, a partir dos recortes propostos para cada turma, procurando conhecer a história da fundação, aspectos geográficos, históricos e humanos. Analisar essas permanências como formas de resistência e estratégia de inserção do bairro na configuração da cidade atualizada e globalizada.

7º ANO: VIDAS EM TRÂNSITO - Lugar de (des)Encontros: investigar a temática dos deslocamentos de trabalhadores e trabalhadoras na cidade de Salvador, a partir dos processos de subjetivação e experiência destes sujeitos. As jornadas urbanas, visando captar em seus percursos e narrativas a experiência formativa – e, em muitos casos (de)formativa – de seus deslocamentos pela cidade. Pesquisar sobre essa experiência em diversas dimensões: a relação com os tempos urbanos; os encontros e desencontros com os estranhos; a educação dos corpos e sentidos na cidade; os dispositivos pedagógicos presentes no provimento e nos suportes letrados do transporte coletivo: um olhar interdisciplinar a partir de seus habitantes e uma noção ampliada do direito de “ir e vir”. Investigar sobre o processo de mobilidade ativa, a partir do ano de 1989 com a intencionalidade de contribuir para a melhoria da mobilidade ativa e fluxos urbanos locais.

8º ANO: IDENTIDADE CULTURAL E SUSTENTABILIDADE EM SALVADOR - Lazer como prática de liberdade e o seu aspecto constitucional, suas categorias e a própria definição: Investigar as práticas de lazer na cidade no ano de 1989 como reorganização da sociedade, através da construção de uma nova intervenção do lazer em grupos sociais, além de refletir a estratégia de lazer junto aos grupos sociais e populares, traçando uma linha histórica até a atualidade.

9º ANO: AS MISTURAS DA CULTURA: FORMAS HÍBRIDAS DE PRODUÇÃO CULTURAL POPULAR NAS CIDADES: Recusando a concepção de um conteúdo puro para as manifestações populares e afirmando os crescentes conteúdos de miscigenação entre os particulares e o global, pretende-se investigar as aproximações e diferentes concepções trazidas pela Arte de Luiz Gonzaga e Raul Seixas que refletiram e refletem nessa hibridização social brasileira contemporânea. O que a arte desses dois ícones, falecidos em 1989, nos mostra sobre a realidade brasileira?

ENSINO MÉDIO:

1ª série: DEMOCRACIA EM JOGO A PARTIR DAS TRAMAS ENTRE ESQUERDA E DIREITA E UNS MUROS QUE NOS ATRAVESSAM: Investigar as transformações políticas, econômicas e sociais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos. A questão humanitária e a “imagem” de muros que nos separaram e separam, inclusive os invisíveis. A tentativa de compreender os trânsitos, convergências e contradições. O sincretismo cultural e o duplo pertencimento que combinam democracia e ditadura são objetos de estudo de nossa complexa relação com o imanente para a compreensão do mundo e dos conflitos contemporâneos.

2ª série: TEATRO OFICINA: Investigar como os espetáculos “O Rei da Vela” (1967 - 2017) e “Roda Viva” (1968 - 2019), produzidos pelo Teatro Oficina em dois momentos distintos, impactaram a cultura, a política e a educação no Brasil neste recorte temporal. Tendo em vista, nesse hiato de tempo, o advento da criação do Colégio Oficina impulsionado pela força artística do Teatro Oficina.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/criado-por-ze-celso-entenda-o-que-e-o-teatro-oficina-o-melhor-do-mundo/>.

“É QUE O TEMPO ANDOU MEXENDO COM A GENTE ...”

<https://www.youtube.com/watch?v=dtRbk-dW8zo>

6º anos - João, o tempo andou mexendo com a gente, sim



Justificativa: Segundo a Fundação Gregório de Matos, o nome Pituba significa brisa, sopra forte, hálito, tem origem no idioma Tupi e provavelmente foi relacionado ao bairro pelo mesmo ter um vasto coqueiral e dunas, o que remete a essa ideia de local arejado. Os primórdios do bairro estariam vinculados à retirada dos pescadores da aldeia no Rio Vermelho, que de lá foram transferidos para as terras conhecidas como Fazenda Pituba (O LUGAR..., 1987). Muito além de memórias afetivas e lembranças no álbum de família, recuperarmos a nossa história é recontarmos nossa vida e marcarmos nossa ancestralidade. Nos conhecermos para, a partir daí, conhecermos o mundo. Vamos visitar nossa história? O que havia no bairro? Como está no momento? Qual a projeção desse mesmo espaço para o futuro? Possivelmente, o bairro traz em sua existência histórias míticas que, inevitavelmente, se tornam práticas educacionais que convidam o ouvinte a mergulhar nos valores comunitários e no resgate de sua própria história. É neste contexto que vamos tecer possibilidades diversas de compreender outro modo de perceber e sentir a Pituba. Recontar a história e reconhecer como estas manifestações permanecem vivas.

Fonte:

<https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/pituba#:~:text=O%20autor%20acrescenta%20que%2C%20de,n%C3%A3o%20foi%20sempre%20o%20mesmo.>

Livro: Para o 6º Ano o livro "A poética do espaço" do Bachelard: "a casa é o nosso canto do mundo [...] o nosso primeiro universo". Consequentemente, "todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa".

Filme: Aquarius

Texto motivador: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/pituba>, acesso em 04.12.23

Música: A cidade – Chico Sciece e Nação Zumbi

<https://www.youtube.com/watch?v=UVab41Zn7Yc>

6ºA - Mobiliário e objetos afetivos

O ano é 1989. Nosso objetivo é contar histórias, porque essa foi a maneira encontrada pelos homens para entender e dar sentido aos mistérios da vida. Vamos descobrir o bairro da Pituba através dos mobiliários e objetos afetivos, estimulando pesquisas sobre o contexto no período de fundação da escola. Trazer os "contadores de histórias" que trouxerem com eles marcas, risos, encantamentos, valores, moralidade, luta, princípios, fé, esperança, amor, magia... reconhecendo milhares de narrativas em forma de contos de épocas incontáveis. Uma história que aprenderemos a conhecer assim: ouvindo histórias. Como são tantas, melhor começar do começo. Ou pela primeira história. Ou pela história do princípio. Que tal as que narram a criação do bairro? Sabem como surgiu? Foi de conto em conto que se criou a Criação.

6ºB - Fotografias e registros etnográficos

As peculiaridades culturais, aspectos da cotidianidade, visões de mundo e jeito de ser de moradores da Pituba que pode ser percebida e analisada sob olhares diversos através de fotografias. Objetiva-se analisar, através do olhar fotográfico, as vestimentas, comportamentos e alimentação que estão expressas nesses registros, estabelecendo um quadro comparativo com a atualidade, além da percepção da presença ou ausência de elementos da afro-baianidade e aspectos identitários do povo soteropolitano dessa região. Qual a melhor foto para definir a Pituba de 1989 nesses aspectos?

6ºC - Arquitetura e olhar local

Os lugares e contextos paisagísticos se destacam a partir de espaços culturais e de edificações simbólicas, de elevada visibilidade, como igrejas, centros religiosos e outros espaços de prática de fé. Caberá a essa turma, através do mapeamento de centros religiosos traçar o cenário da Pituba e também a fé que explodia nesse referido ano, além dos comportamentos atrelados a esses aspectos. E na atualidade? Como estão esses espaços religiosos e a fé?

6ºD - Intervenções urbanas e envernizada social

A intervenção urbana é uma forma de manifestação artística em locais públicos como praças, ruas, escadas e parques. Elas são criadas no intuito de chamar a atenção dos cidadãos da cidade para problemas urbanos ou simplesmente para tornar o espaço mais leve e colorido, além do adensamento construtivo e populacional local, contribuindo para uma melhor racionalidade de infraestrutura urbana existente.

7ºanos - John, eu não esqueço - VIDAS EM TRÂNSITO - Sujeitos e experiências nos deslocamentos por Salvador

Projeto de cidade em 1989 - Cidade Alta e Cidade Baixa - Inclusão / Diversidade

Muito se fala em mobilidade urbana e em resolver os problemas ocasionados pelo excesso de veículos, especialmente nas metrópoles. Mas, afinal, o que é mobilidade urbana? Quando uma cidade proporciona mobilidade à população, oferece as condições necessárias para o deslocamento das pessoas. Em outras palavras, ter mobilidade é conseguir se locomover com facilidade de casa para o trabalho, do trabalho para o lazer e para qualquer outro lugar onde o cidadão tenha vontade ou necessidade de estar, independentemente do tipo de veículo utilizado.

[...]Ter mobilidade urbana é pegar o ônibus com a garantia de que se chegará ao local e no horário desejados, salvo em caso de acidentes, por exemplo. É ter alternativas para deixar o carro na garagem e ir ao trabalho a pé, de bicicleta ou com o transporte coletivo. É dispor de ciclovias e também de calçadas que garantam acessibilidade aos deficientes físicos e visuais. E, até mesmo, utilizar o automóvel particular quando lhe convier e não ficar preso nos engarrafamentos. <http://olhonotransito.blogspot.com.br/2011/04/o-que-e-mobilidade-urbana.html>



<https://www.bnews.com.br/noticias/salvador/saiba-ou-relembre-como-era-o-transporte-de-salvador-no-ano-de>



Anuário do transporte urbano de Salvador em 1989, Fonte das nossas informações (Foto: Daniel Brito/BNews)

Há 33 anos, Salvador, embora já tivesse sua essência, era uma cidade diferente de hoje em diversos aspectos. Menos populosa e menos desenvolvida, seu transporte também era menos evoluído em relação aos dias atuais. Obviamente, ainda não existia metrô e a capital baiana era dependente, para não dizer refém, dos ônibus. E, agora, os 7º anos, com exclusividade, deverão trazer detalhes sobre como era o transporte da terceira maior capital do país naquele ano. Quais linhas de ônibus existiram?

Como era a forma de pagamento (gratuidade, meia passagem, vale transporte e dinheiro)? O que era o final de linha? E o ponto de ônibus? As linhas circular já era um indicativo da vinda do metrô? Barcas e ferry? Trens? BRT? Cicloviárias? A presença cada vez maior dos ônibus elétricos nos trajetos urbanos contribuindo muito para o meio ambiente em um mundo cada vez mais sustentável.

7º A - Os buzuz e os terminais rodoviários



A modernidade chega ao transporte coletivo de Salvador através do ônibus articulado.

Em 1989, a dinâmica de Salvador ainda era outra. Se atualmente regiões como a Avenida Paralela e o eixo do Shopping da Bahia estão entre os pontos mais movimentados da cidade e concentram a maior quantidade de comércios, serviços e instituições de ensino, naquela época, a concentração de passageiros ainda era na região do Centro, em localidades como o Campo Grande e o Centro Histórico. Qual era o destino final dessa região? Qual era a concentração de demanda no eixo Cidade Baixa x Centro?

Livro: Fuxico, resenha, mexerico nas esquinas e buzuz de Salvador – Daiana Soares - Editora Caramurê.

Filme: : <https://youtu.be/5f8OVcx1-T8> - Os caminhos de Salvador

Texto motivador: A região considerada centro da cidade em 1989 abrangia deste o bairro do Canela, Vitória até o centro histórico e no mesmo centro histórico bastava descer o elevador Lacerda ou o plano inclinado ou uma das ladeiras que liga a cidade baixa para estar em outro centro comercial conhecido como bairro do Comércio. Por sua vez era natural a concentração de ônibus nessas regiões deixando o trânsito muitas vezes congestionados e escancarando a necessidade de novas vias, estações de paradas ou até mesmo novos centros. A região do Centro era o coração da cidade, onde se concentravam muitos serviços, instituições governamentais, comércios e escritórios. Algumas das áreas e destinos de destaque incluíam:

Campo Grande: Era um ponto de referência importante e um local para eventos culturais, como o Carnaval. Também abrigava o Teatro Castro Alves e muitos escritórios comerciais.

Pelourinho (Centro Histórico): Uma área histórica com arquitetura colonial, atraindo turistas e visitantes. No entanto, em 1989, o Pelourinho enfrentava desafios de revitalização e desenvolvimento.

Avenida Sete de Setembro: Uma das principais avenidas comerciais da cidade, que abrigava muitas lojas e comércios tradicionais.

Comércio: Um distrito comercial importante com uma variedade de lojas, bancos e escritórios.

Música: Saulo - Vú (Buzu em Salvador com Dom Chicla)
<https://www.youtube.com/watch?v=kRFzs6SnTcY>

7ºB - Trens do subúrbio ferroviário e o VLT



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/bahiahistorica/>

O trem do subúrbio, apesar de à época ser administrado pela Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), do governo federal, tinha seus dados fornecidos à prefeitura. E de acordo com os registros, em todo o ano, foram transportados 5,6 milhões de passageiros. O maior número foi contabilizado em agosto, com 605.209 pessoas transportadas.

Para se ter uma ideia, em nenhum mês entre os anos de 2019 e fevereiro de 2021, quando foi desativado pelo governo do estado para dar lugar ao futuro monotrilho, o sistema esteve próximo de atingir a marca. O recorde nesse período foi de 336.324, em outubro de 2019.

Livro: Travessias urbanas e outros contos - Rodrigo Lima

(<https://redeglobo.globo.com/redebahia/conexao-bahia/noticia/escritor-e-professor-traduz-em-palavras-o-suburbio-de-salvador.ghtml>)

Filme: Trem do subúrbio (trilhos da resistência) documentário de Carlos Pronzato.

<https://www.youtube.com/watch?v=PLYJj3zoMk4>

Texto motivador: Os trens do subúrbio ferroviário eram uma importante opção de transporte para os moradores da região metropolitana de Salvador. Em 1989, esse sistema de transporte já existia, assim como barcos que ligam o bairro de Plataforma a Ribeira transportando pessoas pelas belas paisagens do subúrbio. Após mais de 160 anos, o trem do subúrbio ferroviário deixou de operar no sábado dia 13 de fevereiro de 2021, os trens que ligavam o bairro da Calçada ao bairro de Paripe passando por 10 estações no total cedeu seu trajeto para dar início a construção de uma nova linha e claro um novo equipamento chamado de VLT (Veículo leve de transporte) elevado monotrilho. A desativação do trem causou uma enorme polêmica em toda cidade e um grande transtorno para as pessoas que transitam na região, a começar pela grande diferença no preço da passagem e a falta de transporte coletivo para atender a demanda da população que se desloca diariamente com destinos a outros centros. Fato é que as embarcações na atende a necessidade o transporte coletivo através de ônibus também não atende e a previsão para operação do VLT segue indefinida. Como foi tão importante ao longo desses anos o trem para o subúrbio? Existe um futuro maior para o transporte aquático de pessoas na região? O VLT poderia ligar o subúrbio além do bairro da Calçada?

Música: Subúrbios – Música de Carlos Pita gravada por Virgílio.

<https://youtu.be/kFEbzDi3sFc>

7ºC - Barcas, o Ferry, o Plano Inclinado e Elevadores em Salvador

Além dos ônibus, os ascensores e o trem do subúrbio eram os modais que serviam a população de Salvador naquele ano. Em 1989, somados, o Elevador Lacerda e os planos inclinados Gonçalves e Liberdade-Calçada transportaram 15 milhões de passageiros. O destaque ficou pelo Elevador, importante ponto turístico, com 8,7 milhões, e que registrou seu maior movimento no mês de dezembro, com 977.214 pessoas transportadas. O plano do Pilar não foi contabilizado, pois à época estava desativado. Os barcos e os ferry que ligam Salvador a Ilha de Itaparica transportando um universo de pessoas diariamente sofreu algumas mudanças ao longo desses anos.

Qual seria o futuro do elevador Lacerda e dos planos inclinados? E a ponte Salvador-Itaparica acabaria com o ferry?

Fonte: <https://www.salvadorbahia.com/os-planos-inclinados-e-elevadores-urbanos-de-salvador/#:~:text=S%C3%A3o%20tr%C3%As%20planos%20inclinados%20e,Cidade%20Baixa%20da%20capital%20baiana>

Livro: <https://diariodesalvador.com/os-dois-elevadores-e-os-tres-planos-inclinados-funiculares-de-salvador/> (Diário de Salvador) ou coleção plano inclinado.

Filme: <https://youtu.be/oF96P4zqZY4> - Elevador Lacerda

https://youtu.be/ocgx_QHFO8Q - Plano inclinado Gonçalves

Texto motivador: De 1989 até os dias atuais, os sistemas de transporte aquático (ferry-boat e barcos) e os transportes verticais (Plano Inclinado e elevadores) em Salvador passaram por mudanças e expansões para atender às crescentes demandas de mobilidade na cidade. Aqui está uma visão geral de como esses sistemas evoluíram ao longo das últimas décadas: A utilização de barcos para transporte ainda é uma parte importante do sistema de mobilidade de Salvador. Os barcos continuam a ser uma opção popular para a travessia entre Salvador e as ilhas vizinhas, oferecendo conexões para locais como a Ilha de Itaparica, Morro de São Paulo e outras áreas costeiras. A infraestrutura e a qualidade dos serviços podem ter melhorado ao longo do tempo, mas a essência desse modo de transporte é relativamente consistente. Já o transporte vertical passou por algumas mudanças estruturais como o aumento na capacidade de pessoas a ser transportada, nos seus sistemas de segurança e no visual, o que na essência continua o mesmo.

Música: <https://youtu.be/KQzslbuuQBM> - SSA Bahia - Olodum

8º anos - Deixem que eu decida a minha vida - Identidade Cultural e sustentabilidade em Salvador

8ºA – Lazer e esportes em Salvador: como tudo começou?

O lazer é assunto debatido em diferentes segmentos da sociedade, pois pensar o lazer significa entender sua origem, suas relações e de que forma a sociedade entende a prática do lazer. O conceito de lazer passou a ser discutido após a Revolução Industrial. Antes disso, o que havia eram discussões sobre o tempo de ócio, o não trabalho. O lazer só conseguiu espaço a partir do Século XIX, com a mudança de comportamento de toda uma sociedade com relação ao trabalho. Em “nossa terrinha” (Salvador), a prática do lazer e esportes começa com um anseio pela modernidade. O esporte surge como uma prática social que prezava por mudanças de comportamento, construção de hábitos novos e uma melhor relação do homem com a cidade. Para entender melhor esta trajetória, precisamos refletir um pouco sobre como as ações de J. J. Seabra (governador da Bahia de 1912 a 1916) reordenaram o espaço urbano e fizeram com que o soteropolitano adquirisse novos comportamentos em prol desta modernidade. Agora, reflita: Quais as mudanças implementadas a partir de J. J. Seabra que impulsionaram o surgimento da prática esportiva e de lazer em Salvador? Quais esportes passam a ser importantes na cidade?

LIVROS:

O direito à preguiça de Paul Lafargue (Tradução de Alain François)
O que é lazer de Luíz Otávio de Lima

FILME:

Tempos Modernos

TEXTO MOTIVADOR:

Uma Salvador e seus esportes iniciais

Coriolano P. da Rocha Junior

Salvador foi capital do Brasil, todavia, no início do séc. XX vivia uma fase de decadência, num cenário em que a Bahia se viu afastada do poder, sem a influência tivera antes. No estado via-se um apelo ao seu passado de "glória" e isso, acontecia pelo fato desta unidade da federação se considerar "injustificada" no novo cenário nacional, clamando para si a volta de uma época tida como gloriosa.

Para tentar instalar a modernidade, a Bahia, experimentou ações que buscaram reordenar o espaço urbano e os modos de vida dos cidadãos, num conjunto de mudanças socioeconômicas, culturais, estruturais e higienizantes, marcando um novo momento histórico, que buscou tornar a cidade de Salvador um espaço de novas vivências e práticas sociais.

De maneira geral, podemos afirmar que um projeto modernizador se assenta em alguns pontos básicos, que eram: construção e/ou alargamento de novas vias; construção de edifícios de arquitetura imponente e conseqüente derrubada de antigos prédios; a higienização da cidade; a criação do belo, do apreciável; a instalação de um comércio caro e de padrões europeus.

Foi durante o governo estadual de J.J. Seabra (1912-1916), que Salvador, viveu as ações que tentaram reordenar seu espaço urbano e adequar seus habitantes aos novos comportamentos e posturas da modernidade.

Ao analisar esse período e o quadro da Bahia, Risério (2004, p. 310), assevera que "sua capitalização era fraca, havia a enorme dificuldade de transporte, a carência de energia e, ainda, a hegemonia dos comerciantes, que não se interessavam tanto por investimentos em atividades produtivas", ou seja, a Bahia destoava dos princípios aventados pela ideia de progresso. Salvador estava presa a uma lógica econômica que se não impedia, certamente limitava as aspirações por um maior crescimento, pelo progresso, não sendo ainda suficientemente "civilizada", estando, portanto, fora dos padrões propalados pela modernidade carioca.

Nesse quadro, a elite soteropolitana aspirava mudanças e a bem da verdade, o que existia mesmo era uma tentativa de se criar uma cidade moderna e que exultava o progresso.

Leite (1996), ao falar sobre as aspirações modernizantes de Salvador, mostra que se tentava atender "a um interesse comum de certos segmentos elitistas da sociedade local, inconformados com a cidade em que viviam" (p.18). A cidade de Salvador, em sua aventura pela modernidade, teve de conviver com uma clara dificuldade que em muito limitava qualquer aspiração, a fragilidade econômica.

Se em Salvador o pretendido por Seabra e as elites locais na questão de uma nova urbanização não avançou como se esperava, no que é tocante aos hábitos, também parece não ter havido mudança significativa. Salvador sempre se destacou por possuir uma imensa população negra, herança do longo tempo de escravatura no país e que servia de mão de obra nas fazendas e casas grandes de toda a Bahia e de Salvador. No entanto, essa herança envergonhava a cidade, já que para a elite local, os negros, com seus hábitos e modos mais se assemelhavam a bárbaros e eram símbolos de uma cidade que não atingira padrões modernos. Era preciso embranquecer Salvador, acabar ou ao menos jogar para fora da cidade os rituais e práticas dessa população

[....]

Foi nesse cenário e sob essas condições, que em Salvador, se iniciaram as "aventuras" da população com o esporte, sendo esse um dos elementos dessa que se mostrava como uma nova era, a modernidade.

[...]

Dessa forma, compreendemos que a instauração de todo um conjunto de mudanças nas cidades, ao mesmo tempo em que proporcionou e motivou as pessoas à prática esportiva, também foi por este influenciado, ou seja, a noção de que pessoas e cidades deveriam ser ativas, trabalhar por melhorias, valer-se dos avanços científicos, acelerando suas percepções e relações, significou que a modernidade e seu ideário foram encampados, seja pelas obras na

nova cidade, seja pelo movimento no novo ser humano. Era preciso engajar-se em todas as mudanças, identificando-se com o novo.
[...]

Disponível em: <https://historiadosporte.wordpress.com/2020/09/15/uma-salvador-e-seus-esportes-iniciais/>

MÚSICA:

A quadra conecta (MV Bill)

8ºB – Lazer para quem?

O direito ao lazer é reconhecido pela Constituição brasileira como um direito humano e deve ser assegurado a todos os cidadãos sem distinção, com o objetivo de construir uma sociedade justa e igualitária. Com o processo de urbanização e modernização da cidade de Salvador no início do século XX, surgem vários espaços públicos e privados para a prática do lazer e do entretenimento. Praças, parques, praias, teatros, museus... Salvador é recheada de possibilidades para o relaxamento e diversão. Antigos ou novos, públicos ou privados, os espaços de lazer da cidade com o maior Carnaval do mundo apesar de diversificados, enfrentam problemas de acesso, principalmente, para a população com baixo poder aquisitivo. A ocupação urbana desordenada e a falta de políticas públicas eficientes construíram em Salvador periferias sem que haja qualquer espaço pensado especificamente para o lazer. As crianças e adolescentes, muitas vezes, precisam usar a criatividade para inventar e construir objetos para seu lazer. Nesta conjuntura, é necessário refletir: Existe diferença entre lazer e entretenimento? Quais são os espaços públicos e privados para a prática do lazer em Salvador? Os espaços existentes são sustentáveis?

LIVROS:

O direito à cidade de Henry Lefebvre
O que é lazer de Luíz Otávio de Lima

FILMES:

Ó Paí, Ó
Arte no Espaço (documentário)

TEXTOS MOTIVADORES:

O lazer na periferia

Iolanda Barros

[...]

Com o advento da industrialização, o homem passou a buscar formas alternativas de se desligar, mesmo que por pouco tempo, da dependência de questões relativas ao trabalho. A urbanização da vida nas grandes cidades fez surgir o fenômeno do lazer, que está disponível de várias formas e para vários tipos de indivíduos ou grupos sociais. Atualmente, o lazer é muito explorado de modo a gerar lucros e diversão, sem qualquer preocupação com o desenvolvimento do ser humano na busca de valores importantes para sua própria sobrevivência e melhoria da qualidade de vida. Esta situação é provocada pela indústria cultural do lazer, porém essa indústria não considera a população dos bairros de baixa renda como público merecedor de lazer e favorecido pela falta de infra-estrutura não investe em serviços e equipamentos que disponibilizem qualquer diversão para essas comunidades.

A crise econômica crescente, a hierarquização das necessidades humanas e o desgaste do tecido urbano provocam impactos nos momentos de lazer da população. Vale lembrar que as ocasiões de não-trabalho e as instituições organizadas pelos trabalhadores foram muito importantes no forjar de uma autoconsciência social, ocupando no passado relevante papel para as diferentes camadas sociais. Alguns estudos demonstram como os momentos de lazer e as associações de trabalhadores, inclusive clubes, foram fundamentais para a auto constituições

da classe operária. Nesse processo de diferenciação social, as possibilidades de lazer estão entre as primeiras negligenciadas para grande parte da população. Basta observar a distribuição geográfica das oportunidades de acesso a bens culturais nas cidades. No caso de Salvador, uma cidade que tem o privilégio de possuir teatros, cinemas, centros comerciais, bibliotecas, porém estes equipamentos, se encontram exatamente, em sua grande maioria, nas zonas que congregam a população de maior poder aquisitivo, ficando os mais pobres, abandonados às áreas mais afastadas, além disso, há um claro processo de privatização, como o caso absurdo de cobrança de entradas até mesmo em exposições e feiras.

Perceptivelmente a noção de ocupação do espaço público sempre esteve mais voltada para os interesses dos grupos sociais ligados às elites econômicas, o lazer para a indústria cultural do lazer, está diretamente ligado ao capital gerado por classes economicamente atraentes.

[..]

Disponível em:

<file:///C:/Users/Dell%20Inspiron/Downloads/23-86-1-PB.pdf>

MÚSICAS:

Tarde em Itapuã (Toquinho e Vinícius de Moraes)

São Salvador (Dorival Caymmi)

Céu da Bahia (Caetano Veloso)

8ºC – Ócio e negócio: uma parceria possível?

A sociedade industrial idolatrava e centralizava todo o tempo e existência do indivíduo na atividade laboral. No Brasil, o ócio já foi muito condenado, pois o trabalho e o acúmulo de riquezas eram exaltados como preponderantes para a felicidade em um mundo capitalista. Pensando nisso, Salvador passou, a partir do século XX, por uma intensa atividade trabalhista para que a cidade se tornasse mais moderna e lucrativa. Isso gerou na população um foco demasiado no trabalho e pouca gerência do tempo para o lazer. Porém, sabe-se, hoje, que lazer, tempo livre e ócio são sinônimos de saúde e qualidade de vida, mas também de lucro e desenvolvimento social. Em uma cidade exaltada pelas belezas naturais e com uma forte identidade cultural, o lazer e o ócio passaram a ser importantes fontes de renda para a população. Neste contexto, algumas perguntas podem surgir: O que é lazer? O que é ócio? O lazer substitui o ócio? Lazer e ócio se misturam? As atividades econômicas ligadas ao lazer são sustentáveis e preservam a natureza e a história da cidade? Como é possível melhorar a saúde e a qualidade de vida da população através das atividades e dos espaços de lazer?

LIVROS:

O ócio criativo de Domenico De Masi

O direito à preguiça de Paul Lafargue (Tradução de Alain François)

O Guia do Ócio

FILME:

Ócio, lazer e tempo livre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SukDA7vRaX8>

TEXTO MOTIVADOR:

O trabalho e o ócio

Anselmo Borges

Entre as muitas características que nos distinguem dos outros animais, como a linguagem duplamente articulada, a autoconsciência, o pensamento abstracto, a orientação para o mundo como um todo e a capacidade de distanciamento da imediatidade no espaço e no tempo, a elaboração de teorias científicas, a avaliação segundo juízos morais, está também o trabalho. O homem também se define como homo faber. Karl Marx viu bem: "O homem diferencia-se dos animais a partir do momento em que começa a produzir os seus meios de vida."

Enquanto o animal colhe o que a natureza lhe oferece, o homem transforma-a. Trabalha para satisfazer as suas necessidades, estabelecendo uma relação de intercâmbio com a natureza: obtém dela o que lhe falta e, por outro lado, ao transformá-la, transforma-se a si mesmo. Mundanizando-se, o homem humaniza o mundo e humaniza-se a si próprio, autorrealiza-se. Ao mesmo tempo que elabora os produtos de que precisa, aperfeiçoa a natureza e forma-se a si mesmo teórica e praticamente.

Com a complexificação do mundo do trabalho, assiste-se à sua divisão e a uma teia, também ela complexa, de relações laborais e sociais, configuradoras da identidade própria. Percebe-se a importância decisiva desta configuração, quando se pensa em quem já não encontra trabalho e cai no desemprego: não só não tem meios de subsistência como é marginalizado, sentindo-se inútil por não contribuir para a realização do bem comum.

No trabalho, é preciso considerar um duplo aspecto. Por um lado, forma a pessoa e contribui para a realização da sociedade - deve-se pensar num sentido abrangente do trabalho: trabalha o agricultor, o construtor, o engenheiro, o médico, o professor, etc. -, mas, por outro, o trabalho apresenta-se como fardo e castigo, como diz a próprio étimo: tripalium, instrumento de tortura.

Neste contexto, aparece o ócio, que provém do latim otium, vinculado a scholê, no grego - é daqui que provém escola. Aqui, ócio significa estar livre dos negócios da política e das actividades económicas, para poder dedicar-se à contemplação, à festa, à alegria e à busca da verdade. Como diz Platão, os filósofos "desfrutam do tempo livre e preparam os seus discursos em paz e em tempo de ócio. Apenas os preocupa alcançar a verdade". Vemos aqui a síntese da importância que Platão atribuía ao ócio, vinculando-o à liberdade (ter tempo livre e ser livre), à verdade, que deve ser procurada sem a pressão do tempo, e à filosofia enquanto procura livre da verdade.

[...]

Na modernidade, esbate-se o espírito da verdade como contemplação, para vincular ciência, domínio da natureza e utilidade. Francis Bacon marca essa viragem: "o que é mais útil na prática é ao mesmo tempo o mais verdadeiro na ciência" e: "scientia est propter potentiam" - a ciência é por causa do domínio. E, lentamente, com a segunda revolução industrial, chegou-se ao oxímoro da "indústria do ócio".

Onde está o predomínio: no trabalho ou no ócio? Como conclui Gabriel Amengual, inspirador deste texto, se se puser o acento no trabalho, então o ócio pode tornar-se um simples meio para o trabalho - descansar para recuperar forças e trabalhar, como se o homem fosse feito apenas para produzir e trabalhar. Se o decisivo for o ócio, então o trabalho acaba por ser considerado negativo e frustrante, pois é puro negócio, negação do ócio, e paradoxalmente, o ócio não passa de "compensação para a frustração do trabalho".

Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniaio/opiniaio-dn/anselmo-borges/o-trabalho-e-o-ocio-1635926.html>

MÚSICA: Ócio não é negócio (Vivendo do ócio)

9º anos - Não preciso que me digam de que lado nasce o Sol porque bate lá meu coração.

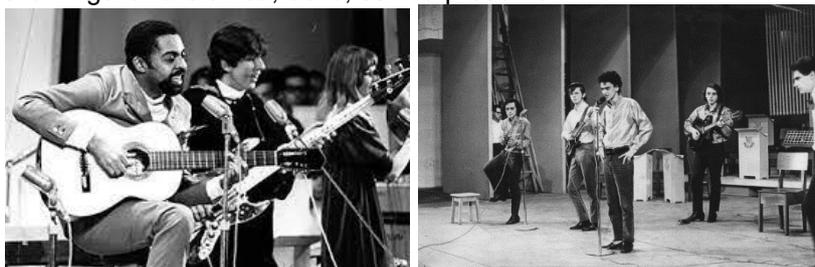
9º anos - “Não preciso que me digam de que lado nasce o Sol porque bate lá meu coração”.

A música popular brasileira (MPB) nas décadas de 1960 e 1970 foi marcada por uma rica interação entre purismo e hibridismo, refletindo tanto as influências tradicionais quanto as novas tendências e experimentações. Essa época foi especialmente importante no contexto histórico e político do Brasil, com a ditadura militar exercendo grande influência sobre a cultura.

Em 1967, a “Marcha contra a Guitarra Elétrica” aconteceu durante o III Festival da Música Popular Brasileira, organizado pela TV Record. Liderada por Elis Regina, a Marcha visava defender a música nacional contra a invasão da música internacional. Na época, a guitarra elétrica era vista por muitos como um símbolo da influência estrangeira, especialmente dos Estados Unidos, e era considerada incompatível com a identidade cultural brasileira.



No III Festival da Música Popular Brasileira da TV Record, Caetano Veloso subiu ao palco com a banda de rock argentina Beat Boys e Gilberto Gil com a banda Os Mutantes - revelando a renovação da MPB em uma espécie de movimento antropofágico, que dava origem a à nova música brasileira. A guitarra elétrica, claro, estava presente.



O hibridismo na MPB desafiou fronteiras e incorporou influências globais. O movimento Tropicalista é emblemático desse hibridismo, mesclando tradições brasileiras com influências estrangeiras, como o rock'n'roll e a cultura pop. A ideia era subverter as normas estabelecidas, misturando elementos tradicionais com inovações contemporâneas.

Diferentes movimentos musicais, embora de maneiras diferentes, desafiaram as normas culturais e políticas da ditadura militar. A repressão cultural, que incluía a censura à música e outras formas de expressão artística, foi um dos aspectos mais contestados durante a transição para a redemocratização. A contracultura brasileira desempenhou um papel importante ao criar espaço para o debate e a expressão de ideias divergentes e para a resistência. Foram esses movimentos que ajudaram a pavimentar o caminho para um período mais aberto e pluralista durante o processo de redemocratização do Brasil.

Artistas como Os Mutantes, por exemplo, experimentaram com instrumentos elétricos e efeitos sonoros, misturando psicodelia com ritmos brasileiros. Esse tipo de abordagem híbrida abriu caminho para novas formas de expressão musical e influenciou gerações futuras de músicos.

É nessa mistura de ideias que o 9º ano deverá analisar o que está por trás do “som” de alguns grandes artistas do nosso país e o impacto que suas artes tiveram na sociedade brasileira.

9ºA - “Peço a atenção de toda gente pra minha terra, terra do meu bem querer.” (Sertão - Luiz Gonzaga)

Luiz Gonzaga - A complexidade da alma comum



Fonte: <https://baudoraulseixas4.blogspot.com/2014/10/o-dia-em-que-luiz-gonzaga-se-rendeu.html>

Luiz Gonzaga, conhecido como o "Rei do Baião", é uma figura icônica na música brasileira e sua obra desempenhou um papel crucial em amplificar as experiências, principalmente, as do povo nordestino. Suas músicas, porém, muitas vezes abordam temas que ressoam com as realidades e anseios das pessoas que vivem nas diversas regiões do país, refletindo as complexidades culturais e sociais do Brasil.

Ao longo de sua carreira, Luiz Gonzaga também abordou questões sociais e políticas nas letras de suas canções. Ele compôs músicas que tratam de migração, desigualdade social e a luta do povo brasileiro por uma vida melhor. Sua arte frequentemente serviu como um meio de expressão para as classes menos privilegiadas.

Gonzagão, como costumava ser chamado, desempenhou um papel importante na construção da identidade nacional brasileira. Suas músicas, muitas vezes, são consideradas hinos populares que celebram a brasilidade, contribuindo para a formação de um senso de unidade cultural no país.

Cabe ao 9ºA pensar: Como a música do rei do baião amplifica as agruras e desejos do povo brasileiro em um país tão vasto e desigual como o Brasil? As músicas de Luiz Gonzaga ainda têm relevância no cenário social e político da atualidade?

Livro: Luiz Lua Gonzaga Estrela - O rei do baião

Filme: Gonzaga - de pai pra filho (2012) (disponível na Globoplay)

Música: Asa branca

Links: <https://sul21.com.br/noticias/2012/12/luiz-gonzaga-1912-2012-o-homem-que-descortinou-o-nordeste/>

9ºB - "Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade" (Prelúdio - Raul Seixas)

Raul Seixas - A arte como espelho social

Raul Seixas, um dos ícones da música brasileira, era conhecido por suas letras provocativas e por suas ideias consideradas, muitas vezes, fora do convencional. Tinha como maior influenciador e ídolo, Luiz Gonzaga, porém, suas canções não eram diretas e objetivas como as de Gonzagão. Interpretar as músicas de Raulzito, especialmente em relação a temas políticos e sociais, pode ser algo altamente subjetivo, visto que suas letras eram mais poéticas e filosóficas. Elas frequentemente carregavam mensagens de questionamento, rebeldia e críticas à sociedade - refletindo seu tempo e suas experiências.

Em uma de suas canções mais famosas, Raul celebra uma sociedade alternativa. Ela refere-se a uma busca por uma forma de viver fora dos padrões tradicionais estabelecidos pela sociedade. Em muitas de suas músicas, ele critica a sociedade, a alienação, e busca uma forma de liberdade e autenticidade. Em "Ouro de Tolo", por exemplo, ele questiona a superficialidade e a falsidade da sociedade.

No Brasil de 35 anos atrás (aproximadamente 1988, considerando a morte de Raul Seixas em 1989), ocorria o período de redemocratização após o regime militar que durou de 1964 a 1985. A sociedade estava passando por transformações políticas, econômicas e sociais significativas. Hoje, mais de 35 anos depois, o Brasil enfrenta novos desafios políticos e sociais. As discussões sobre liberdade, autenticidade e críticas à sociedade continuam presentes, mas os contextos são diferentes. A sociedade brasileira evoluiu e enfrenta questões contemporâneas, como desigualdade social, corrupção, questões ambientais e diversidade.

É nesse contexto que o 9ºB deverá pensar: O que a sociedade alternativa diz sobre o Brasil de 35 anos atrás e como ela permeia o pensamento político e sócio político do país hoje?



Segredos do mundo: <https://segredosdomundo.r7.com/sociedade-alternativa/>

PRELÚDIO

Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade
Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade
Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade

Composição: Raul Seixas.

Livro: Raul Seixas - O sonho da sociedade alternativa (1993)

Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=fmyEDW8H-hM> (documentário "O início, o fim e o meio")

Música: "White wings" (versão em inglês de "Asa branca") /

9º C - "Meio bossa nova e rock'n' roll... faz parte do meu show!" (Faz parte do meu show - Cazuza)

Com o fim da ditadura militar em meados da década de 1980, a música brasileira continuou a evoluir. Houve uma ampliação do espaço para a diversidade musical, permitindo uma maior experimentação e fusão de estilos.

Artistas como Legião Urbana, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso etc revolucionaram a música no Brasil na década de 1980 e 1990. Eles marcaram uma época de transformação cultural e social no Brasil. Suas músicas abordavam questões sociais, políticas e pessoais, refletindo os anseios e desafios da juventude da época.

As letras das músicas desses artistas eram frequentemente profundas, poéticas e engajadas. Elas abordavam temas como amor, política, desigualdade social e questões existenciais, conectando-se com as experiências e preocupações da juventude. Essa abordagem lírica contribuiu para criar uma identificação emocional duradoura com o público.

Suas músicas não se limitavam a um único estilo. Eles incorporaram uma variedade de influências musicais, como rock, pop, punk, e elementos da música brasileira tradicional. Essa diversidade musical atraiu um público mais amplo, ajudando a criar uma base de fãs diversificada.

As letras das músicas muitas vezes expressavam uma identidade nacional, abordando questões específicas do Brasil. Esse patriotismo cultural ressoou com o público e contribuiu para a construção de uma identidade musical brasileira única.

O impacto desses artistas transcendeu as décadas de 80 e 90. Suas músicas continuam sendo ouvidas e apreciadas por várias gerações. A atemporalidade de suas composições e a relevância contínua de suas mensagens contribuíram para a preservação e disseminação de seu legado.

É nesse contexto que o 9ºC deverá responder: O que as letras das músicas de artistas jovens do cenário do rock brasileiro da década de 80 e 90 revelam sobre o Brasil daquela época? Como a geração de rock brasileiro, principalmente dos anos 80, mudou a produção musical no Brasil?



Livro: Anos 80 - Uma década de rock brasileiro (2004)

Filme: Rock in Rio - A história (Globoplay ep.1)

Música: Pro dia nascer feliz (Barão Vermelho)

Links:

<https://contramao.una.br/legiao-de-evolucoes-como-geracao-de-rock-brasileiro-nos-anos-80-mudou-producao-musical-no-brasil/#:~:text=Nomes%20como%20Rick%20Bonadio%2C%20Liminha,nos%20anos%2080%20e%2090.>

<https://conexaoflashback.com.br/a-multiplicidade-dos-anos-90/>

<https://monkeybuzz.com.br/materias/o-que-sobrou-de-musica-brasil-anos-90/>

<https://jornal.usp.br/ciencias/ascensao-do-rap-nos-anos-90-mostrou-contrastes-na-musica-popular-brasileira/>

<https://veja.abril.com.br/cultura/o-resgate-dos-anos-90-na-moda-no-cinema-na-musica-na-tv>

<https://www.artescetera.com.br/a-importancia-dos-anos-90-para-a-musica/>

ENSINO MÉDIO

1ª série - Sonho e escrevo em letras grandes de novo (A queda do muro de Berlim/ A questão humanitária /)

“nós vos pedimos com insistência:

*Não digam nunca: isso é natural!
Diante dos acontecimentos de cada dia,
Numa época em que reina a confusão,
Em que corre sangue,
Em que o arbítrio tem força de lei,
Em que a humanidade se desumaniza,
Não diga nunca: isso é natural!
Para que nada passe a ser imutável!*

Bertold Brecht

TEXTO MOTIVADOR

NOTAS SOBRE A BANDA

Por Carlos Drummond de Andrade

O jeito, no momento, é ver a banda passar, cantando coisas de amor. Pois de amor andamos todos precisados, em dose tal que nos alegre, nos reumanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para a frente. Amor que seja navio, casa, coisa cintilante, que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando.

A ordem, meus manos e desconhecidos meus, é abrir a janela, abrir não, escancará-la, é subir ao terraço como fez o velho que era fraco mas subiu assim mesmo, é correr à rua no rastro da meninada, e ver e ouvir a banda que passa. Viva a música, viva o sopro de amor que a música e banda vem trazendo, Chico Buarque de Hollanda à frente, e que restaura em nós hipotecados palácios em ruínas, jardins pisoteados, cisternas secas, compensando-nos da confiança perdida

nos homens e suas promessas, da perda dos sonhos que o desamor puiu e fixou, e que são agora como o paletó roído de traça, a pele escarificada de onde fugiu a beleza, o pó no ar, na falta de ar.

A felicidade geral com que foi recebida essa banda tão simples, tão brasileira e tão antiga na sua tradição lírica, que um rapaz de pouco mais de vinte anos botou na rua, alvoroçando novos e velhos, dá bem a idéia de como andávamos precisando de amor. Pois a banda não vem entoando marchas militares, dobrados de guerra. Não convida a matar o inimigo, ela não tem inimigos, nem a festejar com uma pirâmide de camélias e discursos as conquistas da violência. Esta banda é de amor, prefere rasgar corações, na receita do sábio maestro Anacleto Medeiros, fazendo penetrar neles o fogo que arde sem se ver, o contentamento descontente, a dor que desatina sem doer, abrindo a ferida que dói e não se sente, como explicou um velho e imortal especialista português nessas matérias cordiais.

Se uma banda sozinha faz a cidade toda se enfeitar e provoca até o aparecimento da lua cheia no céu confuso e soturno, crivado de signos ameaçadores, é porque há uma beleza generosa e solidária na banda, há uma indicação clara para todos os que têm responsabilidade de mandar e os que são mandados, os que estão contando dinheiro e os que não o têm para contar e muito menos para gastar, os espertos e os zangados, os vingadores e os ressentidos, os ambiciosos e todos, mas todos os etcéteras que eu poderia alinhar aqui se dispusesse da página inteira. Coisas de amor são finezas que se oferecem a qualquer um que saiba cultivá-las, distribuí-las, começando por querer que elas floresçam. E não se limitam ao jardim particular de afetos que cobre a área de nossa vida particular: abrange terreno infinito, nas relações humanas, no país como entidade social carente de amor, no universo-mundo onde a voz do Papa soa como uma trompa longínqua, chamando o velho fraco, a mocinha feia, o homem sério, o faroleiro... todos que viram a banda passar, e por uns minutos se sentiram melhores. E se o que era doce acabou, depois que a banda passou, que venha outra banda, Chico, e que nunca uma banda como essa deixe de musicalizar a alma da gente.

Carlos Drummond de Andrade Correio da Manhã, 14/10/66
http://chiocobuarque.uol.com.br/letras/notas/n_drummond.htm

Música pretexto para criação da cena: Sonho Impossível

SONHO IMPOSSÍVEL

Versão de Chico para a peça O Homem de la Mancha

Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível
Negar quando a regra é vender
Sofrer a tortura implacável
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã, se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão

TÔ VENDO UMA
ESPERANÇA!



1ªA - Constituição Brasileira - A CONSTITUIÇÃO CIDADÃ

A expressão “participação social” está atualmente em toda parte. Com sentidos e projetos diferentes, é encontrada nas práticas e instituições públicas das várias instâncias governamentais, nos arranjos institucionais de, praticamente, todas as políticas sociais e nos programas de governo de partidos de todos os matizes. A intensificação da participação social, entendida aqui como a participação da sociedade em espaços públicos de interlocução com o Estado, reflete a configuração de um tecido social que foi se tornando mais denso e diversificado desde meados dos anos 70, período de surgimento dos novos movimentos sociais. A Constituição Federal de 1988, por sua vez, coroou esse processo atribuindo relevância à participação da sociedade na vida do Estado, ao instituir vários dispositivos nas esferas públicas de âmbitos federal e local. A proposta para a turma é propor uma investigação sobre a institucionalização dos espaços de participação social – conselhos e conferências - a partir da Constituição Federal de 1988. Através de uma reconstituição histórica do processo de lutas da sociedade civil observar o alargamento da democracia brasileira, um breve olhar histórico sobre participação social na história política brasileira, sobretudo no período de transição democrática, com destaque para o surgimento dos novos movimentos sociais na década de 70. Porém, o centro da discussão são os arranjos e mecanismos de participação popular inseridos na Constituição brasileira, destacando o modelo descentralizado e participativo das políticas de Seguridade Social. Além de ficar atento/a para os principais avanços e desafios da participação social nos dias de hoje, representando a expectativa com relação ao futuro. A esperança no Estado Brasileiro.

Fonte: https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdf/participacao/outras_pesquisas/a%20constituio%20cidad%20e%20a%20institucionalizao%20dos%20espaos%20de%20participao%20social.pdf, acesso em 20.10.2023

Filme: Discurso de Ulisses Guimarães, apresentando a constituição de 1988.

Texto motivador:

Música: Brasil - Cazuza

Vale tudo - <https://www.youtube.com/watch?v=1s8UMGFGpoM>, acesso em 20.10.2023

Documento 1 - Contexto: Texto sobre a Constituinte - <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/YZWTuYu7qeYcSJJbcgPkDs8DzX3yu2Jrq8aHFzYbyfqB7gMjytdtesu8CBhS/his9-23und01-formacao-da-constituente.pdf>

Documento 2 - Contexto: Imagem chamada consulta pública - <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/beyNWFAUvFAdkeWMvCHYNxZGh39yaj6R58dtchWqAKtRN378yk4TAaVvfT8V/his9-23und01-sugestao-dos-cidadaos.pdf>

Documento 3 - Problematização: Sugestão de lei - <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/jxW96zvjjKeZ6ENEQsSuW5Zd5j5HHn8EqPJsrqDz3wAmVwpwKDvHrxRS2NB/his9-23und01-sugestao-de-lei.pdf>

Documento 4 - Problematização: Constituição de 1988 - <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/Nfr9GFrE5fPsZ66byV9ygywBGfeKTuUNTNsY28JfVGBvCpZgJ2bVDjeKQ4N/his9-23und01-constituicao-de-1988.pdf>

Documento 5 - Problematização: Cláusula pétrea - <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/xT82yJDzNypEuvSDHxuxNnSFmsTTJx3mvGg6CjrtctT4yAJDdquRgNJzYy9A/his9-23und01-clausula-petrea.pdf>

Para você saber mais:

Para saber mais sobre o conceito de ditadura civil-militar:

<http://www.emdialogo.uff.br/content/consideracoes-sobre-o-conceito-da-ditadura-civil-militar-com-os-alunos-do-ensino-medio-3o> e <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/8574/6324>

Formação da Constituinte: <http://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/constituante/index.html>

Documentário: *A Constituição da cidadania*: <https://www.youtube.com/watch?v=Nc-1GIZD1t0>

Documentário *Cartas ao país dos sonhos*: <https://www.youtube.com/watch?v=j3X07RMPiQM>

Acervo do *Jornal da Constituinte*:

<http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/constituicao30anos/jornal-da-constituente.htm>

Constituição de 1988: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

Verbete para Assembleia Nacional Constituinte do CPDOC:

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/assembleia-nacional-constituente-de-1987-88>

Portal e-cidadania: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/principalideia>

Parlamento jovem brasileiro: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/educacao-para-a-cidadania/parlamentojovem>

Cláusula pétrea:

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_14.12.2017/art_60_.asp

Referências bibliográficas:

COELHO, João Gilberto Lucas, OLIVEIRA, Antônio Carlos Nantes de. *A nova Constituição: avaliação do texto e perfil dos constituintes*. Rio de Janeiro: Revan/INESC, 1989.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

VILLA, Marco Antônio. 1988 - uma Constituição para chamar de sua?. In: _____. *A história das constituições brasileiras*. São Paulo: Leya, 2011. p. 111-129.

Disponível em: <https://www.brasiledefato.com.br/2018/01/04/henfil-o-cartunista-que-fez-do-humor-uma-arma-para-defender-a-populacao-oprimida>, acesso em 20.10.23



PAIVA, M. Disponível em: www.redes.unb.br. Acesso em: 25 maio 2014

A discussão levantada nas charges, publicada logo após a promulgação da Constituição de 1988, fazem referência a um conjunto de direitos que responsabiliza o Estado pela garantia da dignidade humana. **Investigar se, na contemporaneidade, o Estado brasileiro e a Sociedade Civil estão criando mecanismos para assegurar os direitos promulgados pela Constituição de 1988.**



1ªB - ELEIÇÕES DIRETAS - A luta ainda não acabou - Novo momento democrático resolveria as mazelas sociais, resolvendo contextos graves econômicos / otimismo, romantizando questões estruturais e históricas. Desenvolver na juventude a ideia de que a Democracia e direitos são conquistas e necessita de vigilância para serem mantidas. A apatia contemporânea da juventude que não teve que lutar para conquistar espaços e direitos.

Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=89DcxyGZqb4>, acesso em: 20/10/23

Sobral - O homem que não tinha preço - Art Films

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xvU4NGJ7CMk>, acesso em 20.10.23

Material complementar:

Documento 1 - Contexto: Trecho da Emenda Dante de Oliveira. <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/rwEJpzAbNphFseM4ugyNDE9YvgRPWYHrYE6myeKUZr8g2AbUyVSNH4uhuZWv/his9-22und03-trecho-da-emenda-dante-de-oliveira.pdf>

Documento 2 - Contexto: reportagem sobre a Emenda Dante de Oliveira. <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/JtkZ8HJ2FTKfd5wRPEwvjiQDmTqU8AEN4jK3MFrazPUFjE8UXbgfscyD7g3T/his9-22und03-votacao-emenda-dante-de-oliveira.pdf>

Documento 3 - Problematização: Tirinhas do Henfil - <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/aVGS6zCy77Pp2c2HkkaCxNUKu6WJwj4DNSGxNhcsxDrPTxM59QMuePCay3Ff/his9-22und03-tirinha-do-henfil.pdf>

Para você saber mais:

Para saber mais sobre o conceito de Ditadura civil-militar:

<http://www.emdialogo.uff.br/content/consideracoes-sobre-o-conceito-da-ditadura-civil-militar-com-os-alunos-do-ensino-medio-3o>

e <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/8574/6324>

Significado do verbete Diretas Já: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diretas-ja>

Sobre os movimentos pelas Diretas Já: <http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm>

Biografia Henfil para apoio: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/gibiteca/henfil.htm>

Músicas e manifestações culturais pelas Diretas Já:

<http://memorialdademocracia.com.br/card/diretas-ja>

Sobre o Colégio Eleitoral e sua atuação na Ditadura civil-militar:

<http://www.tse.jus.br/jurisprudencia/julgados-historicos/eleicao-de-1985-fidelidade-partidaria-no-colegio-eleitoral>

Sobre eleições indiretas no Brasil: <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/eleicao-indireta>

Vídeo da série especial realizada pela UNIVESP "1985 - 30 anos de democracia" sobre as

Diretas Já e a Emenda Dante de Oliveira: <https://www.youtube.com/watch?v=d8O5jTahTXo>

Sobre a Emenda Dante de Oliveira:

<https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/REPORTAGEM-ESPECIAL/466301-DIRETAS-JA-REJEICAO-DA-EMENDA-DANTE-DE-OLIVEIRA-MARCA-A-HISTORIA-DO-PAIS-BLOCO-1.html>

Como utilizar charges como um recurso metodológico:

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/leitura-quadrinhos-charges-recurso-metodologico-sala-aula.htm>

Dicas sobre como fazer uma charge: <https://pt.wikihow.com/Fazer-Boas-Charges-Pol%C3%ADticas>

Sobre a obra de Henfil: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/obra-de-henfil-ajuda-a-entender-ditadura-militar-e-geografia-do-nordeste/>

Resistência por meio do humor nas tirinhas de Henfil: <https://jornal.usp.br/cultura/livro-mostra-a-resistencia-ludica-de-henfil-a-ditadura/>

Sobre o uso de tirinhas em sala de aula: <https://novaescola.org.br/conteudo/11835/tirinhas-humor-nas-aulas>

Bibliografia:

COSTA, Sérgio Roberto. Dicionário de gêneros textuais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FICO, C. Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record, 2004

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do regime militar brasileiro. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014

Machado, Ana Maria Tropical Sol da Liberdade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Ventura, Zuenir 1968: O ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SILVA, Marcos. Rir das ditaduras - os dentes de Henfil (FRADIM, 1971-1980) Editora Intermeios, 2018.

SILVA, Marcos. Rir por último - Henfil, a ditadura militar e os contextos. Revista PUCSP, v.24, 2002. PDF disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10625/7905> Acesso em: 17/1/2019.

Investigar se as atuais gerações compreendem, considerando o processo democrático, que a garantia de direitos é uma luta constante.

Texto motivador:

Música: Coração de Estudante - <https://www.youtube.com/watch?v=KsqAfD4BkwA>, disponível em: 20.10.23

<https://www.youtube.com/watch?v=1ywjnZkayQo> - Hino Nacional - Fafá de Belém

Podres Poderes - Caetano Veloso

2ª série - Teatro Oficina

2ªA - O Rei da Vela (1967 - 2017) quais insurgências nos iluminam e nos assombam?

“O Rei da Vela” é a primeira montagem da peça de Oswald de Andrade (1890-1954), realizada pelo Teatro Oficina de São Paulo, sob a direção de José Celso Martinez Corrêa. Teve sua primeira versão em 29 de setembro de 1967 como manifesto satírico e insurgente contra as relações de poder no capitalismo e a posição de subserviência do Brasil na geopolítica internacional.

O espetáculo marcou uma geração artística no país, justamente, por sua radicalidade estética e política. O texto de Andrade (1937), é considerado como um marco do modernismo. “O Rei da Vela” rompe paradigmas da estética burguesa em um período de convulsão social – à iminência do Estado Novo (1937-1943), que instituiria vedações às liberdades individuais. A peça reflete a investigação formal iniciada por Oswald de Andrade com a Semana de Arte Moderna (1922) e com o movimento antropofágico. Neste sentido, o Teatro Oficina leva aos palcos o texto teatral ícone do modernismo brasileiro em dois momentos, a primeira montagem em 1967, sob o assombro ditatorial e, posteriormente, em 2017 com um Brasil enfrentando outros paradigmas e ameaças, e se fortalecendo e se iluminando com outras potencialidades.

Nesta perspectiva, como as duas criações artísticas produzidas pelo Teatro Oficina impactaram a cultura e a educação no Brasil neste recorte temporal? Tendo em vista, nesse hiato de tempo, o advento da criação do Colégio Oficina impulsionado pela força artística do Teatro Oficina.

“É um caso particular de texto teatral que permanece inédito por três décadas, explicitando a distância entre os palcos brasileiros e as propostas modernistas. Na peça, o agiota Abelardo I é

um novo rico interessado na ascensão social pelo casamento com a aristocrata Heloísa, que deseja reverter sua decadência econômica. A transação matrimonial acontece sob interferência de um representante do capital estrangeiro. A crítica às relações de poder perfaz um enredo que vincula operações de crédito pessoal às transações entre nações imperialistas e colonizadas, ao mesmo tempo em que a sexualidade despuída fere a moral de uma burguesa conservadora e reacionária.

Nos anos 1960, em plena Ditadura Militar e às vésperas do AI-5, o Teatro Oficina compartilha com outros artistas de estéticas distintas, como o Teatro de Arena, a preocupação de não alienar o palco do contexto histórico e social do país. Para responder ao complexo momento econômico, cultural e político, José Celso Martinez Corrêa recorre às insubordinações formais e conceituais de O Rei da Vela.

O texto que anos antes parecera “mudo”, “modernoso e futuristoide”¹ ao diretor é resgatado por seu caráter de obra aberta, avessa ao racionalismo e às convenções teatrais. O Teatro Oficina multiplica as citações e acirra os tons grotesco, obscuro, violento e irreverente da obra original, criando um universo cênico com vida própria. O espírito paródico e anárquico, que ataca o público presente, institui um “teatro da agressão”, conforme nomeia o crítico Anatol Rosenfeld (1912-1973). Formas artísticas eruditas e populares contrastam com uma profusão de referências de outras artes, tempos e geografias. O primeiro ato, dedicado às operações de agiotagem de Abelardo I, é montado em linguagem circense. O segundo, às voltas com transações sexuais em uma ilha tropical na baía de Guanabara, evoca o teatro de revista. E o terceiro, retornando ao cenário inicial para substituição do protagonista por seu sócio e homônimo, recebe tratamento operístico. O ator Renato Borghi (1937) confere caráter debochado a Abelardo I, conciliando referências europeias à memória de atores cômicos populares como Oscarito (1906-1970) e Grande Otelo (1915-1993), em atuação que lhe rende os prêmios Molière e Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCT). Ítala Nandi (1942), no papel de Heloísa de Lesbos, Dina Sfat (1938-1989), Dirce Migliaccio (1933-2009), Otávio Augusto (1945) e Othon Bastos (1933) também integram o elenco. No palco giratório, um boneco fálico de grandes dimensões metralha as vítimas de Abelardo I. O cenário expressionista, criado por Hélio Eichbauer (1941-2018), também figurinista, acopla signos da antropofagia modernista em versão kitsch. Personagens ostentam maquiagens excessivas e saqueiras, que aludem ao recalque das pulsões sexuais.”

Visto em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento392786/o-rei-da-vela>

Livro: Texto teatral "O Rei da Vela" de Oswald de Andrade.

Filme:

Texto motivador:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/07/por-que-o-rei-da-vela-de-ze-celso-revolucionou-o-teatro-durante-a-ditadura.shtml>

2ªB - A "Roda Viva" (1968 - 2019) ainda roda?

O Teatro Oficina em 2019 completou 60 anos de sua existência com a remontagem comemorativa dos 50 anos do espetáculo “Roda Viva”. A obra, escrita por um jovem artista em ascensão chamado Chico Buarque, foi montada por um grupo de atores dirigidos por Zé Celso Martinez Corrêa, reunidos sob o Teatro Oficina Uzyna Uzona, ou apenas Oficina em sua primeira versão em 1968 e marcou todo um momento de tensão política no Brasil.

Após 50 anos, o grupo revisita a obra de Buarque, no entanto, estamos diante de outro Brasil, com outros tensionamentos políticos, com tecnologia avançada e dicotomias próprias de uma recente redemocratização. Portanto, àquela “Roda Viva” da década de 1960 ainda roda hoje? Como? O que mudou? Sabemos também que o referido grupo, foi responsável por inspirar a criação do Colégio Oficina, nesta perspectiva, como pensar a educação atravessada por esta poética?

Nesse sentido, o grupo teatral paulistano fundou um modo inovador de pensar o teatro e, conseqüentemente, os modos de existência e a partilha do comum ao

“O grupo foi criado de forma amadora por dois estudantes da Faculdade de Direito, no Largo de São Francisco, em São Paulo: o hoje ator Renato Borghi e Zé Celso. Juntamente com Fauzi Arap, Carlos Queiroz Telles, Amir Haddad, Moracy do Val, dentre outros, eles encenaram suas primeiras peças: “Vento Forte para um Papagaio Subir” (do próprio Zé Celso) e “A Ponte” (escrita por Telles). A fase amadora do Oficina durou apenas três anos. A boa recepção das primeiras montagens e a empolgação do grupo culminaram na aquisição de uma sede própria, em 1961. Encantaram-se por um prédio antigo na Rua Jaceguai, no Bixiga, em São Paulo. No local funcionava o Teatro Novos Comediantes. Depois de uma primeira reforma comandada pelo arquiteto Joaquim Guedes, surgiu a primeira grande inovação formal do teatro: o palco no meio e nas laterais, duas arquibancadas para a plateia. Hoje, tal estrutura pode parecer trivial, mas era uma radicalização tanto ao tradicionalismo grego e seus teatros de arena (com o palco num declive e o público num plano mais elevado, num semicírculo) como ao teatro elisabetano, que se se tornaria a forma mais atualmente mais popular — o palco bem delimitado em um plano elevado e o público em frente a ele, sentado ou em pé mesmo.”

Visto em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/criado-por-ze-celso-entenda-o-que-e-o-teatro-oficina-o-melhor-do-mundo/>.

– “Primeira obra para teatro escrita por Chico Buarque (1944), *Roda Viva* é uma comédia musical em dois atos e título da canção que dá nome à peça. Estreia no Rio de Janeiro, em 1968, como uma crítica contundente à sociedade de consumo e à violência institucional. Lançada no ano de acirramento da censura praticada pela ditadura militar brasileira (1964-1985)¹, é considerada um marco da luta artística por liberdade de expressão.

O enredo acompanha a transformação de Benedito da Silva, um cidadão comum, em Ben Silver, ídolo pop fabricado na esteira do sucesso dos festivais de música e da crescente massificação cultural, que submete os corpos à roda viva das engrenagens capitalistas. Ben Silver é lançado como cantor de iê-iê-iê (rock), mas aderindo às novas tendências, transforma-se em compositor engajado, rebatizado de Benedito Lampião, até ser descartado pela indústria de entretenimento e substituído pela namorada Juliana, que adere à Tropicália.

Na estreia, Heleno Prestes e Marieta Severo (1946) são os protagonistas, orientados na expressão corporal pelo coreógrafo Klauss Vianna (1928-1992). Na segunda temporada, Rodrigo Santiago (1942-1999) e Marília Pêra (1943-2015) assumem as personagens Ben e Juliana. O elenco ainda traz Paulo César Pereio (1940), como Mané, e mais de uma dezena de integrantes do coro, entre eles os então estreantes Zezé Motta (1944) e Pedro Paulo Rangel (1948).

O cenógrafo e figurinista Flávio Império (1935-1985) cria, no palco em semicírculo, um estúdio de televisão com uma estátua de São Jorge e ícones da cultura pop, uma paródia à religião católica e à comunicação de massa. Uma passarela faz o palco avançar em direção à plateia, à maneira de um show de rock.

A direção de José Celso Martinez Corrêa (1937) radicaliza a proposta tropicalista apresentada um ano antes em *O Rei da Vela 2*. Investida de uma estética grotesca, o diretor faz uma crítica feroz e debochada à sociedade de consumo e à violência das instituições.”

Visto em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento405843/roda-viva>

Livro: Texto Teatral "Roda Viva" de Chico Buarque; VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 385.

Vídeo: <https://youtu.be/8ltRfPOToQg>

Música: Roda Viva

Material Complementar: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento405843/roda-viva>

3ª SÉRIE

ABERTURA

3ª série - A FELICIDADE É UMA ARMA QUENTE

“Graças a você, amanhã há de ser outro dia...”

Eric Nepomuceno

Um certo Francisco – 1989

Certas pessoas têm a alma grande feito caminhão de mudança, ampla feito hangar de avião. E ali vão armazenando as coisas da vida, com a suave e discreta dúvida dos eternos curiosos, com a delicada persistência dos que acreditam.

Certas pessoas vivem os desafios sem perder a capacidade de assombro. Mergulham na vida para abastecer a alma, e depois devolvem à vida as coisas tomadas nesse mergulho. Registram as imagens do cotidiano com um olho posto no passado e o outro, no futuro. Como quem diz: “um olho sempre a boiar, outro que agita”.

Certas pessoas se debruçam sobre o mundo e removem, em suas próprias angústias, as angústias de seu tempo, de sua gente.

Certas pessoas passam pela vida deixando abertas trilhas e veredas para que a vida passe por elas.

Francisco, por exemplo.

Senão, como explicar essa infinita capacidade de registrar, ampliar, refazer outras vezes, outras vidas? Como entender essa maneira de fazer com que sua voz revele as vozes ocultas pelo silêncio? De ter os olhos limpos para primeiro ver e depois mostrar um tempo, um espaço comum a todos nós? De viajar pelo tempo na eterna e desesperada tentativa de manejar o tempo, buscando permanências, resgatando futuros, criando passados? Certas pessoas viajam pelo tempo levando na bagagem a dúvida afiada, profunda e fecunda: serão as lembranças algo que a gente tem, ou algo que a gente perdeu?

Certas pessoas têm uma espécie de defesa contra os desgastes que a vida vai provocando enquanto passa. Só as pessoas especialmente sensíveis conseguem desenvolver essa defesa. Claro que, sendo pessoas sensíveis, não passam imunes e impunes pelas agruras do caminho. Mas mantêm, na essência, suas características intocadas. Falando sobre um pintor chamado Pascin, Ernest Hemingway disse o seguinte: “As sementes do que seremos um dia nascem conosco, mas sempre me pareceu que aqueles que não levam a vida totalmente a sério têm as sementes cobertas por um solo generoso e bem adubado.” Certas pessoas têm um lado maroto, arteiro, que acaba preservando sua capacidade de se assombrar sempre e sempre com as coisas da vida. Nada, nem as coisas mais graves e profundas e importantes, se torna totalmente solene para essas pessoas.

Certas pessoas trazem a curiosidade e a dúvida como fontes fecundas, parideiras. Nada na vida parece, para essas pessoas, totalmente conhecido, totalmente distante.

Certas pessoas vivem abertas para o mundo. Têm uma sede que o mundo não consegue saciar. Sempre querem algo, querem mais.

Francisco, por exemplo.

http://Chico Buarque.uol.com.br/depoimentos/depoto_certo.htm

A segunda-feira (o início) pode ser uma provação ou um desafio. Jamais será um tédio. Logo pela manhã, através da Máquina do Tempo, eles encontram um olhar surpreendente sobre o Brasil, sobre o mundo, sobre a vida – a de dentro e a de fora. Sobre o que sobra do que não se enxerga, sobre o que vem depois dos escombros de pessoas quebradas e que precisam renascer como fênix. E que a vida pode ser quase tudo, mas nunca pode ser rasa.

Livro: A Condição Humana de Hannah Arendt

Filme: O Preço do Amanhã

Título Original: In Time

Ano: 2011

Direção: Andrew Niccol

Duração: 111 minutos

Gênero: Aventura, Ficção Científica, Romance

País de Origem: Estados Unidos

Texto motivador: “Graças a você, amanhã há de ser outro dia...” - Eric Nepomuceno

Música: O bêbado e o equilibrista / Mais Uma Vez (Renato Russo) / Tente outra vez (Raul Seixas) / Temporal (Marcelo Jeneci)

A felicidade geral com que foi recebida essa banda tão simples, tão brasileira e tão antiga na sua tradição lírica, que um rapaz de pouco mais de vinte anos botou na rua, alvoroçando novos e velhos, dá bem a idéia de como andávamos precisando de amor. Pois a banda não vem entoando marchas militares, dobrados de guerra. Não convida a matar o inimigo, ela não tem inimigos, nem a festejar com uma pirâmide de camélias e discursos as conquistas da violência. Esta banda é de amor, prefere rasgar corações, na receita do sábio maestro Anacleto Medeiros, fazendo penetrar neles o fogo que arde sem se ver, o contentamento descontente, a dor que desatina sem doer, abrindo a ferida que dói e não se sente, como explicou um velho e imortal especialista português nessas matérias cordiais.

Se uma banda sozinha faz a cidade toda se enfeitar e provoca até o aparecimento da lua cheia no céu confuso e soturno, crivado de signos ameaçadores, é porque há uma beleza generosa e solidária na banda, há uma indicação clara para todos os que têm responsabilidade de mandar e os que são mandados, os que estão contando dinheiro e os que não o têm para contar e muito menos para gastar, os espertos e os zangados, os vingadores e os ressentidos, os ambiciosos e todos, mas todos os etcéteras que eu poderia alinhar aqui se dispusesse da página inteira. Coisas de amor são finezas que se oferecem a qualquer um que saiba cultivá-las, distribuí-las, começando por querer que elas floresçam. E não se limitam ao jardimzinho particular de afetos que cobre a área de nossa vida particular: abrange terreno infinito, nas relações humanas, no país como entidade social carente de amor, no universo-mundo onde a voz do Papa soa como uma trompa longínqua, chamando o velho fraco, a mocinha feia, o homem sério, o faroleiro... todos que viram a banda passar, e por uns minutos se sentiram melhores. E se o que era doce acabou, depois que a banda passou, que venha outra banda, Chico, e que nunca uma banda como essa deixe de musicalizar a alma da gente.

Carlos Drummond de Andrade Correio da Manhã, 14/10/66

http://chiocobuarque.uol.com.br/letras/notas/n_drummond.htm

ENCERRAMENTO

Em 1997 fui a Terra em conexão com a materialidade de nossas existências

Em 1998 na perspectiva dos encontros, pensamos o mundo como possibilidade, um horizonte em nós mesmos

No bojo das intenções de humanidade, em 1999 vislumbramos em estado de urgência, o plano de um mundo mais humano

Que na virada do novo milênio, frente à toda sorte de desencantos, fomos provocados a ser verbo de ação e (re) conduzir com vivacidade aquilo tudo que se tornou hiato, transformando cada indivíduo numa ilha de medos.

Buscando decifrar esses novos enredos e códigos na dinâmica do existir, 2001 nos convidou a sermos menos intransigentes e mais indulgentes com o outro, debatendo acordos de bem viver.

2002 Bahia, que lugar é esse? Lugar de fé, lugar de fala, lugar de farra, terra de Todos os Santos, um prisma repartido em 417 cores, com matizes, matrizes, fenômenos e fonemas tão próprios, revelados entre recôncavos, reconvexos, avessos e diversos.

No ano de 2003, Soy loco por ti América, foi a bola da vez, nos propondo um reencontro com nossa latinidade, fazendo arder em nossos corações o desejo de cuidar daquela hermanita, muy hermosa, llamada libertad.

Passeamos em 2004 pelas veredas de Viva o povo brasileiro! Brado retumbante do saudoso escritor João Ubaldo Ribeiro que nos conduziu à uma viagem iniciada sob a égide da construção do Forte de São Lourenço (1647), por invasores holandeses na Ilha de

Itaparica, até emergirmos aos anos de chumbo de um Brasil em 1977. Erguendo-se então um grande choque de gerações para jogar luz sobre os conflitos familiares de ontem e de hoje.

Para 2005 o bem-me-quer celebrou a vida e os elementos que a compõem: Terra quem nos gera frutos, onde plantamos e colhemos o nosso alimento, acolhe o nosso corpo, depois que cessa a última centelha de vida. Sobre o ar o escritor Itamar Vieira Junior disse: Se o ar não se movimenta, não tem vento; se a gente não se movimenta, não tem vida. O fogo é desejo, paixão. Numa pequena fagulha pode se metamorfosear borboleta para bailar ao sabor do vento, pode ser terno e devastador ao mesmo tempo. A água é fluxo, é placenta, é mãe, é mar, entregamos a ela nossos segredos mais íntimos, é no seu colo que alimentamos a criança original que habita em nós.

Revoluções foi a tônica de 2006. Revolta, insurgência, insurreição, motim, rebelião. Do latim "revolutio " ato de dar voltas. Mudança profunda, drástica, com sentimento de transformação. Arte, cujo senhores são séquitos da liberdade, dos poderes até aperta a mão, mas, dispensa opinião. Crises, colapsos, marchas, levantes - manifestação.

E a nossa linda juventude de 2007 continua sendo a página de um livro bom, escrito capítulo a capítulo, a cada ano. Somos sujeitos de sorte e ainda colocamos fé na fé da moçada que não foge da raia e enfrenta o leão. Até porque nossa sensação ao segui-los, é que ainda somos todos tão jovens.

Nos alimentamos de África em 2008, refletindo sobre poema retrato de Cecília Meireles, que assim diz:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Afinando nossas memórias face ao signo da diáspora africana, fazendo do argumento da poetisa uma moldura para reencontramos os portos de lágrimas, que de costa em costa fez do Atlântico um mar de sangue, açoites, quizilas e o banzo, iconografado no olhar da negra tatuada vendendo cajus de Drebet.

2009 foi o ano do delírio, das Utopias, de transmutar desejos em possibilidades. Afinal como diria Quintana: Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

A presença distante das estrelas!

2010 trouxe Guimarães Rosa e a saga de Riobaldo no clássico Grande Sertão Veredas, romance que ressignificou no imaginário popular a persona do jagunço, símbolo, muitas vezes de sisudez e truculência.

A obra se passa com o ex-jagunço, Riobaldo promovendo um mergulho no âmago de suas memórias, percorrendo traumas, medos, refletindo sobre a vida, o maniqueísmo entre bem e mal, deus e o diabo, bem como o amor reprimido por Diadorim e as surpresas que essa relação secreta trouxe a vida de ambos.

Música: diversidade e identidade. Foi a janela em que nos debruçamos em 2011. É sabido que somos, o Brasil, uma nação musical, e nós a Bahia, somos útero, régua e compasso, de uma pátria que fez da música uma forma de existir no mundo, criando vínculos indelévels entre sagrado e profano, munindo oriente de ocidente e vice-versa, Península Ibérica e Porto de Luanda, ancestralidade e pós-modernidade, marginalizados e privilegiados, morro e asfalto, sobre paralelos que se cruzam num trevo a cem por hora chamado Carnaval.

Em 2012 questionamos: o Cinema, o que é? Linguagem, recinto, indústria, manifesto, propaganda? Sobre a sétima arte, ficamos com a definição de Fellini: Para o cinema tudo se torna uma imensa natureza-morta, até os sentimentos dos outros são qualquer coisa de que se pode dispor.

Pedindo licença aos notáveis, proponho:

Para o diretor, o cinema é autoria

Para o comércio, bilheteria

Para contravenção, pirataria

O intelectual chama, entre tantas coisas, de alegoria

O casal apaixonado, sintonia

O futurista, distopia

Di Caprio em Titanic, histeria

Ó paí, ó, leotria

Fellini com: A vida é bela", poesia

Cinema novo, Glauber Rocha, rebeldia

2013 um mergulho nas artes visuais, transformou nossa escola em um museu de grandes novidades. Passeamos pelo clássico, moderno, popular, ancestral, buscando compreender a arte, muito mais que o conteúdo da estesia, mas, uma das mais potentes de dar significado a nossa existência, um verdadeiro exercício de humanidade.

2014 apontou para um tempo de grandes mutações. O homem, o mundo interligado em redes, solidão e solitude, traços de um projeto de civilização fadada à novas formas de barbárie.

O Professor e articulista, Antônio de Paiva Moura, diz sobre o cenário das barbáries da pós-modernidade: A busca do gozo sem interrupção coloca os indivíduos uns contra os outros. Uma pessoa pode vir a ser morta só porque é considerada culpada pelo fracasso do outro.

Refletimos acerca dos sintomas de uma condição social crítica, vulnerável à reações de terror e insegurança globalização, ancorada em uma sanha de consumo incessante.

Em 2015 buscamos na Cultura Popular, reelaborar nossos sinais de ancestralidade, para isso fomos buscar na tradição oral o que de mais genuíno existe nela, sua capacidade de se manter viva, mesmo frente às imposições da indústria cultural, à força mobilizadora e espontânea de cada regionalismo, tudo em nome da preservação do conjunto de práticas, tradições e expressões artísticas notáveis e representativas de cada povo.

A "palavra tem poderes" foi a missão de 2016. Quando bem dita, a palavra, é fortuna, quando maldita, infortúnio, nos momentos de arrebatamento ou luto, silêncio, se ofende, vilipêndio, no mundo jurídico, veredito, ao pé do ouvido, suspiro... Digo e repito, palavra é ponte, fonte que salva, mata, aproxima, afeta e afasta.

Missão dada, missão cumprida, cuidamos da palavra como um espectro de nós mesmos.

Falamos de fome, desejo, necessidade, vontade em 2017.

Porque a fome insone é uma dor infame

A fome infame é uma dor insone.

Qual é a cara da fome?

É a cara lânguida da criança desnutrida, muitos diriam.

Nos atentamos aos bastiões que mexem os peões da maldade.

Entendemos que a fome é um sujeito poderoso e perverso

Com cara de bom moço, com dinheiro farto no bolso e sorriso cínico no rosto.

Ademais outras fomes foram levantadas: a fome do outro, de arte, de dignidade, de solidariedade.

BRASIL: QUANDO VI VOCÊ ME APAIXONEI foi assim que pensamos o ano de 2018. Dissecamos o Brasil em diversas camadas: música e representações sociais, natureza e meio ambiente, matrizes culturais marginalizadas, O Brasil e os brasileiros nas telas de cinema, as lutas sociais pela afirmação da cidadania, a luta pela democracia contra a sanha autoritária do ambiente político, e ainda, com o intento de pavimentar novos caminhos para abrasar nossos sonhos de uma pátria fraterna, justa, porém, costurada em tantos traumas e renúncias que pelo bem comum precisam, cada vez mais, serem transformadas em potências e denúncias.

2019 nos trouxe como um imperativo categórico a provocação de Repensar o mundo redesenhando fronteiras. Muito mais do que sujeitos do mundo, somos sujeitos no mundo, e isso, é por si só, uma responsabilidade insofismável, sobretudo porque tal condição coloca frente ao cerne de nossas existências a poética do devir, condição perpétua de que tudo muda, existimos porque somos transformação. Há cerca de 300 milhões de anos atrás, fomos Pangéia, um supercontinente, que com o tempo foi se fragmentando e construiu outras noções de limites.

Cada transformação é precedida pela dissolução de fronteiras, no tocante às relações interpessoais, onde cada indivíduo é construtor de um sem número de territórios, físicos e abstratos, o simples confrontar-se com outro, face a complexidade de suas diferenças, faz da alteridade um potente princípio para reconhecermos que em cada um de nós, o outro que se faz significante.

Nos anos de 2020 e 2021 vivenciamos uma nova forma de viver o tema do ano, um novo modo de ser estudante, um jeito diferente de ser professor, vimos a morte sendo a instituição mais democrática no Brasil e no mundo. Acordamos para novos acordos de humanidade, fomos instados a construir bolsões de preservação da vida. O capital, por algum tempo, perdeu o protagonismo e o mercado viu ruir sua selvagem fúria por lucro. O oxigênio se tornou a moeda da vez, a ciência, a verdade e a voz que trafegaram sobre o vale das sombras cheio de incertezas, medo, ignorância e a estupidez negacionista que ganhou adesão mundo a fora. Naquele momento o que parecia uma premonição, foi transportado a uma realidade sorrateira: TERRA E CIDADANIA: O FUTURO DEPENDE DO PRESENTE. A sensação foi que, o futuro nunca dependeu tanto do presente como naquele cenário insidioso.

O escritor Ailton Krenak assim disse: "A pandemia veio para nos dar um aperto e ver se somos capazes de emitir algum sinal de afeto e entusiasmo pela vida"

Sim, estávamos ávidos por abraços, ensejamos resgatar a dimensão humana do conviver, mas, depois de tanto sofrimento, a morte continua sendo afagada por lideranças que fazem do mundo, uma usina de calamidade.